

# “Ensinar a todos, todas as coisas, totalmente”: a pedagogia pansófica de Comenius e seu *telos* utópico

Vinicius Couto\*

## Resumo

Iohannes Amos Comenius tem sido reconhecido como uma figura de importância nos estudos da educação, ao ponto de ser considerado o “Pai da Pedagogia moderna”. Sua perspectiva dos estudos educacionais se dá a partir da ótica do que ele denominou de *pansofia*, isto é, uma noção de democratização da educação em que se deve ensinar “tudo, a todos, totalmente”. No presente artigo, analisamos o que ele entendia por pansofia, como sua proposta se aplicava de maneira prática na didática escolar e como essa pansofia estava repleta de um *telos* utópico em prol de uma sociedade melhor, cujo meio para tal objetivo era a educação. Para tanto, utilizamos uma abordagem exploratória de suas obras *Schola Ludus*, *Didactica Magna* e *Pampedia*, em suas versões traduzidas para o português, analisando-as a partir da história das mentalidades numa dimensão da história da educação.

**Palavras-chave:** Educação; Pansofia; Comenius; História da educação.

## “Teach everyone, all things, totally”: Comenius’ pansophic pedagogy and his utopian telos

### Abstract

Iohannes Amos Comenius has been recognized as a figure of importance in education studies, to the point of being considered the “Father of Mo-

---

\* Pós-doutorando em Educação, Artes e História pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, Mestre em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná, Mestrando em Educação pela UMESP, teólogo e historiador.

dern Pedagogy”. His perspective of educational studies takes place from the perspective of what he called *pansophy*, that is, a notion of democratization of education in which one must teach “everything, to everyone, totally”. In this article, we analyze what he understood by pansophy, how his proposal was applied in a practical way in school didactics and how this pansophy was full of a utopian *telos* in favor of a better society, whose means for such an objective was education. For that, we use an exploratory approach of his works *Schola Ludus*, *Didactica Magna* and *Pampedia*, in their versions translated into Portuguese, analyzing them from the point of view of the history of mentalities in a dimension of the history of education.

**Keywords:** Education; Pansofia; Comenius; History of education.

## “Enseñar a todos, todas las cosas, totalmente”: la pedagogía pansofica de Comenius y su telos utópico

### Resumen

Iohannes Amos Comenius ha sido reconocido como una figura de importancia en los estudios de educación, al punto de ser considerado el “Padre de la Pedagogía Moderna”. Su perspectiva de los estudios educativos se basa en lo que él llamó *pansofía*, es decir, una noción de democratización de la educación en la que se debe enseñar “todo, a todos, totalmente”. En este artículo analizamos qué entendía él por pansofía, cómo su propuesta se aplicaba de manera práctica en la didáctica escolar y cómo esta pansofía estaba llena de un telos utópico a favor de una sociedad mejor, cuyo medio para tal objetivo era la educación. Para ello, utilizamos un abordaje exploratorio de sus obras *Schola Ludus*, *Didactica Magna* y *Pampedia*, en sus versiones traducidas al portugués, analizándolas desde la perspectiva de la historia de las mentalidades en una dimensión de la historia de la educación.

**Palabras clave:** Educación; pansofía; Comenius; Historia de la educación.

### Introdução

Jan Amos Komenský (1592-1670), ou, em sua forma latinizada, Iohannes Amos Comenius, nasceu na cidade de Uherský Brod, na antiga Morávia, atual República Tcheca. Sua família fazia parte de uma comunidade protestante chamada *Unitas Fratrum Bohemorum* (Unidade dos Irmãos Boêmios) – também muito conhecida como Irmãos Morávios –, herdeira das ideias reformistas de Jan

Huss (? - 1415), um pré-reformador que foi condenado à fogueira pelo Concílio de Constança (1415) por questionar diversos pontos dogmáticos da Igreja Católica. Comenius frequentou a escola latina de Prerov e estudou nas universidades de Herborn (1611–1613) e Heidelberg (1613–1614). Foi ordenado ao sacerdócio ainda jovem, aos 24 anos, e viria a ser, mais tarde, Bispo e Arcebispo de sua comunidade religiosa.<sup>1</sup>

Enquanto estudava em Herborn, ficou interessado nas propostas de Wolfgangus Ratichius (1571-1635), um reformador educacional alemão. Ratichius estava preocupado com uma maneira mais rápida e mais eficaz de ensinar idiomas. Com base no método indutivo e natural de Francis Bacon (1561-1626), ele desenvolveu uma metodologia de gradação do conhecimento que propunha apresentar primeiramente “as coisas”, para depois se chegar “aos nomes” delas; ele também entendia que o melhor caminho metodológico deveria partir das informações particulares para as gerais; e, finalmente, Ratichius aplicou essa ideia aos estudos das línguas, alegando que, dever-se-ia começar pela língua materna seguindo para as estrangeiras.<sup>2</sup>

Influenciado por Ratichius e também com ideias originais, Comenius desenvolveu propostas educacionais que colaboraram para uma virada instrucional, o que tem rendido a ele a alcunha de “Pai da pedagogia moderna”. Comenius escreveu mais de 200 livros, transitando principalmente entre temas religiosos e educacionais. Algumas das principais obras da última categoria são: *Schola Ludus* (A escola da infância), publicada em 1632; *Didactica magna* (A Grande Didática), escrita entre 1633–1638 e publicada pela primeira vez em 1657; e *De rerum humanarum emendatione consultatio catholica* (Consulta geral sobre uma melhoria de todas as coisas humanas), publicada em 1666.

---

<sup>1</sup> Mais detalhes de sua vida podem ser encontrados em LAURIE, 1881, p. 19-70. Devido à falta de uma obra biográfica crítica, essa permanece sendo uma literatura importante para os estudos comenianos.

<sup>2</sup> Mais informações sobre o modelo educacional de Ratichius, ver HOFF, 2004.

No presente artigo, analisamos uma parte do pensamento educacional de Comenius, a saber, sua proposta pansófica, presente como uma espécie de fio condutor em suas obras pedagógicas. “Pansofia” vem de dois vocábulos gregos, *παν* (*pan*), que significa “tudo”, “total”, “inteiro”; e *σοφία* (*sophía*), que significa “sabedoria”, “percepção”, “habilidade”, “inteligência”. Em Comenius, trata-se de uma noção de conhecimento integral para todas as pessoas. Nossa percepção é que, Comenius não apenas propôs métodos didáticos e pedagógicos dentro de um esquema pansófico, como geralmente ele é estudado, e sim que sua pansofia caminhava na direção de um *telos* idealista e até utópico, de sonhar com uma sociedade transformada.

Para analisar as ideias de Comenius, utilizaremos a metodologia da história das mentalidades por meio das contribuições de Jaques LeGoff (1995), que vê as transformações sociais como longos processos e procura entender os padrões comportamentais oriundos das mentalidades, definidas como “a maneira particular de pensar e de sentir ‘de um povo, de um certo grupo de pessoas etc.’” (LEGOFF, 1995, p. 73). Nesse sentido, a história das mentalidades, ao averiguar o pensamento de determinado pensador, não o vê como o agente unilateral responsável pela implementação de um “espírito do tempo”, diferenciando-se da abordagem da história das ideias. Na perspectiva da história das mentalidades, o mais importante é o aspecto da coletividade (LEGOFF, 1995, p. 78) e quanto à abordagem analítica, prevê uma atenção explícita ao “vocabulário, sintaxe, lugares-comuns, concepção do espaço e do tempo, quadros lógicos” (LEGOFF, 1995, p. 76). A seguir, analisaremos o pensamento pansófico de Comenius.

## A pansofia no pensamento de Comenius

Comenius viveu no início da Modernidade, época de transformações sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas muito densas. Em se tratando de educação, no período desse educador morávio, a escola não era democratizada, senão, privilégio de alguns

estamentos sociais, especialmente para os homens (sexo masculino) mais abastados e para o clero. O olhar de Comenius para esse cenário era pansófico, isto é, de que o conhecimento deveria ser aplicado a todas as pessoas, indistintamente, sem barreiras sexuais, estamentais, etárias, raciais, étnicas, religiosas ou de qualquer outra natureza. Nesse sentido, ele “coloca essa ciência [da Educação], devemos enfatizar, no centro de uma ‘pansofia’ que para ele deve constituir um sistema filosófico global” (PIAGET, 2010, p.13). À frente do seu tempo, Comenius não somente pensava na inclusão das classes mencionadas, mas também nas pessoas com deficiência física e mental (COMENIUS, 2002, p. 367).

Kulesza (1992, p. 100) afirma que, Comenius “antecipa de muitos anos a necessidade da educação do sexo feminino e dos deficientes, por razões diversas, naturalmente” e é da opinião de que “essa sua posição é uma decorrência clara de seus pressupostos filosóficos”. Acreditamos que os pressupostos comenianos, na verdade, transcendem a filosofia, por assim dizer. Na verdade, tal universalidade da educação era entendida a partir de uma compreensão teológica, visto que Comenius mesmo justificou sua pansofia da seguinte maneira: “cada um deles são a imagem e semelhança de Deus” (COMENIUS, 2002, p. 53)”. Certamente, a partir de sua noção positiva da *imago Dei*, “a universalidade [da educação] torna-se absoluta. De uma posição em que a maioria dos homens era excluída do ensino, ainda que se destinasse a todos, Comênio passa a insistir exaustivamente que a educação deve atingir a todos, sem exceção” (GAPARIN, 1994, p. 175).

Para ele, as mulheres não deveriam ser excluídas da educação. Afinal, se elas atuam em posição de liderança em alguns governos na posição de rainhas, princesas, regentes etc., por que não poderiam estudar? Elas “são destinadas por Deus ao governo dos povos, a aconselhar sabiamente reis e a príncipes, à ciência médica e às outras ciências úteis ao gênero humano, bem como ao dom de profecia e a censurar sacerdotes e bispos” (COMENIUS, 2002, p. 91). Comenius acredita que elas são até mais privilegiadas quanto à inteligência do

que os homens: “[...] as mulheres [...] são dotadas de inteligência aguçada e aptas ao saber (frequentemente mais do que o nosso sexo)” (COMENIUS, 2002, p. 91). Por essas razões, “tampouco se pode aduzir qualquer motivo válido para excluir o sexo frágil [...] dos estudos da sabedoria [i.e., das ciências]” (COMENIUS, 2002, p. 91). E, a justificativa, uma vez mais, é teológica: “Também as mulheres [...] são imagens de Deus” (COMENIUS, 2002, p. 91).

O princípio pansófico de Comenius pode ser encontrado em praticamente todas as suas obras. Araújo (1996, p. 89) testifica que o educador morávio advogava pela “causa da democratização do ensino em todas as obras pedagógicas e em seus tratados filosóficos e teológicos”. No entanto, precisamos reconhecer que essa abordagem universal da educação foi crescente no sentido de sair do meio cristão europeu para todas as pessoas de todos os lugares. Um bom exemplo disso pode ser visto nos enfoques da *Didactica Magna* e da *De rerum humanarum emendatione consultatio catholica*. No primeiro caso, Comenius está a pensar nos jovens cristãos de seu continente. No segundo caso, entretanto, “o *omnes* deixa de se referir simplesmente a todos os jovens para incluir todas as instituições da sociedade, estendendo-se inclusive às nações de todo o mundo, células maiores da organização social.” (KULESZA, 1992, p. 101).

Em sua *De rerum humanarum emendatione consultatio catholica*, (COMENIUS, 1702) a pansofia assume uma ideia central. Essa obra é dividida em 7 partes, a saber: *Panegersia*, *Panaugia*, *Pansophia*, *Pampaedia*, *Panglotia*, *Panorthosia* e *Pannuthesia*. Todas essas partes são nomeadas com neologismos derivados do grego, começando com o prefixo πάντως (*panōs*), que já vimos trazer a ideia de algo integral, total, seguidos por radicais intencionais.

*Panegersia* é também chamada por ele de *Excitatorium Universale* (Estímulo Universal). A expressão grega em questão é ενεργεώ (*energeō*), cujo sentido é de “energizar”, “estimular”, “incentivar”. Nessa parte, Comenius destaca o desejo de que Deus estimule na humanidade o desejo de reformar a educação, a religião e a política. *Panaugia*, ou *Lucis Universalis* (Luz Universal), vem de αληγή, que sig-

nifica “brilho”. A ideia é que todas as pessoas possam ver todas as coisas sob todas as perspectivas. O conhecimento é o brilho que ilumina esse caminho para todos. *Pansophia* já foi abordado. Comenius chama de *Universalis Sapientia* (Conhecimento Universal). No caso dessa terceira parte da obra, Comenius deseja propor uma *rerum universalis coordinatio* (coordenação universal das coisas) no que ele chama de oito mundos: o possível, o ideal ou arquétipo, o inteligível, o material ou natural, o artificial, o moral, o espiritual e o eterno.

Em seguida, ele aborda a *Pampaedia* (parte nuclear de toda a obra e que utilizaremos neste ensaio como referencial teórico), ou, como ele chama em sua forma latina, *Cultura Universalis Mentium* (Cultura Universal das Mentes), na qual aborda sua intenção por uma educação que seja para todos, em todas as coisas, totalmente. Nessa parte, Comenius ainda aborda os requisitos das escolas, num prisma de universalidade, destacando os livros e os professores na mesma perspectiva; ele ainda discute aspectos formativo-pedagógicos nas várias idades: antes do nascimento, infância, puerícia, adolescência, juventude, adulta, velhice e morte. Nesse neologismo, ele pensa na palavra grega παιδεία (*paedia*), isto é, “educação”, “aprendizado”.

As três últimas partes são: *Panglotia*, *Panorthosia* e *Pannuthesia*, que vêm do grego γλῶσσα (*glossa*), “língua”, “idioma”; ορθῶν (*orthóno*),<sup>3</sup> “levantar”, “erguer”; e νουθεσία (*nouthesia*), “avisar”, “advertir”, “aconselhar”, respectivamente. Em latim, ele as chamou de *Cultura Universalis Linguarum* (Cultura Universal das Línguas), *Reformatio Universalis* (Reforma Universal) e *Exhortatorium Universale* (Exortação Universal). Na primeira, ele visa discutir sobre os obstáculos concernentes à comunicação universal entre os povos, propondo alternativas, como o cultivo de todas as línguas (*Panglotia*) estudo dos principais idiomas (*Polyglottia*) ou de uma que seja universal (*Monoglottia*). Na segunda, ele propõe uma reforma das coisas

---

<sup>3</sup> Essa é a palavra grega que mais se aproxima da proposta de Comenius. “Reformatar”, propriamente dito, é επανορθῶν (*epanorthón*) ou διορθῶν (*diorthóno*), que, em ambos os casos trazem a ideia de “corrigir”. Em todo caso, todas as três palavras apresentadas possuem o radical ορθός (*orthós*), que traz a ideia de “correto”, “corretamente”.

humanas (educação, religião e política) buscando um caminho de catolicidade (catholicas) em todas elas. Finalmente, na última, ele traz apelos gerais (para si, para os cristãos, para os eruditos para os poderosos e até mesmo aos opositores) a fim de que o projeto de reforma universal seja colocado em prática.<sup>4</sup>

Uma expressão importante de Comenius para com sua noção pansófica da educação é: *omnes omnia omnino* (todos, todas as coisas, totalmente) (e.g., COMENIUS, 2012, p. 103; COMENIUS, 2014, p. 39). A primeira expressão, *omnes*, carrega a ideia da pansofia, propriamente dita, isto é, de que ninguém deve estar alienado da educação. Na visão de Comenius a educação deve ser ministrada “para a plenitude humana, não apenas um só homem, ou alguns, ou muitos, mas todos (*omnes*) e cada um dos homens, jovens e velhos, ricos e pobres, nobres e plebeus, homens e mulheres” (COMENIUS, 2014, p. 39). Comenius insiste nesse assunto diversas vezes. Noutra ocasião, ele reafirma que, para “todos os que nasceram homens [i.e., seres humanos] a educação é necessária, para que sejam homens [i.e., humanos] e não animais ferozes, não animais brutos, não paus inúteis” (COMENIUS, 2002, p. 76).

*Omnia*, por sua vez, diz respeito ao fundamento de todo tipo de assunto e ciência minimamente necessária para a vida, no sentido de não ocultar tópicos das pessoas (COMENIUS, 2014, p. 40). Em sua *Didactica magna*, ele afirmou que: “Na escola é preciso ensinar todas as coisas que digam respeito ao homem” (COMENIUS, 2002, p. 101). É claro que tal afirmação pode soar estranha, por isso, ele explica que, “isso não quer dizer que queiramos para todos um conhecimento (exato e profundo) de todas as ciências e artes”, afinal, “isso não seria útil em si mesmo nem possível a ninguém, tendo em vista a brevidade da vida” (COMENIUS, 2002, p. 95). Quando falamos de utopia em Comenius, não estamos a pensar numa proposta inexequível de conhecer todas as ciências. Comenius, na verdade, insistiu que todos “devem aprender a conhecer os

---

<sup>4</sup> Um resumo mais completo da obra *De rerum humanarum emendatione consultatio catholica* pode ser visto em GOMES, 1998.



fundamentos, as razões, os fins de todas as coisas mais importantes, que existem ou existirão”, e a causa disso é que, “todos aqueles, porém, que estão no mundo [atuem] não só como espectadores, mas como atores” (COMENIUS, 2002, p. 95).

*Omnino*, por sua vez, é a preocupação de ensinar os temas de maneira integral, sem partidarismo, tendenciosidade ou parcialidade, e sim com o que Piaget (2010, p. 16) denomina de “todos os pontos de vista”. Nesse sentido, o educador morávio critica as escolas monolíticas, que ensinam apenas uma visão de mundo, onde apenas uma cultura é ensinada, faltando seriedade, prudência e inteligência, além de cair em anacronismos, confusões e futilidades (COMENIUS, 2002, p. 105). Esse vocábulo ainda significa educar tendo em vista a fomentação de consciência crítica, “a fim de que isso seja feito universalmente (*omnino*)” (COMENIUS, 2014, p. 40), de maneira que todos os homens “sejam educados para a verdade, pela qual cada um, retamente formado, escape aos precipícios do erro e do acaso” (COMENIUS, 2014, p. 41) e “saiba[m] e possa[m] manter-se solidamente por toda a parte ou caminhar por toda a parte com segurança” (COMENIUS, 2014, p. 42).

Para viabilizar esse projeto, Comenius afirma a necessidade de “professores [...] instruídos e versados em todas as ciências, artes, faculdades e línguas”, que sejam eruditos e repletos de ardor pelo ensino, verdadeiros reservatórios vivos, “fontes do saber vivo”, “capazes de expressar e comunicar tudo a todos”; além disso, ele acrescenta a necessidade de “uma seleta biblioteca de vários autores, de uso comum” (COMENIUS, 2002, p. 353-354). Um corpo docente especializado, bem preparado e acessibilidade aos livros, era o caminho para promover o conhecimento de maneira integral. Outro caminho para agilizar tal aplicabilidade, era o de haver resumos das ideias principais de diversos autores: “Não [...] fazendo extratos florilégios [...], mas reduzindo em summas os seus sistemas integrais” (COMENIUS, 2002, p. 355). Em sua concepção, isso era importante por cinco razões: (1) ajudaria as pessoas que possuem menos tempo disponível para a leitura; (2) facilitaria os leitores que

desejassem se familiarizar com algum autor específico; (3) introduziria o pensamento de determinado autor, ajudando o leitor a ler a fonte primária já com algum direcionamento; (4) otimizaria o tempo dos leitores, levando-os direto para a essencialidade do pensamento do autor a ser lido; e (5) ajudaria aos mais pobres, que não têm condições de investir na aquisição de obras completas (COMENIUS, 2002, p. 355-356).

## A didática pansófica de Comenius

Comenius pensou num método de trabalho que fosse prático. Sua noção pansófica da educação precisava se desdobrar numa didática exequível. Embora não fosse totalmente contrário ao currículo característico da educação humanística, ele criticava o método tipicamente memorialístico e de verbosidade. Pereira (2016, p. 107) destaca que, Comenius “acreditava numa educação que desenvolvesse a habilidade de observação dos estudantes, de reflexão a partir de suas hipóteses, construções urgentes e necessárias. Fazia sentido para ele a organização de um sistema escolar estruturado em tempos e espaços e oportunidades distintas”. Nesse sentido, Comenius antecipa uma discussão do que veio a ser chamado de “psicologia da educação”, sobre a idade ideal para determinados aprendizados e o desenvolvimento cognitivo dos primeiros seis anos de idade (COMENIUS, 2011, p. 35-41).

A educação deve começar ainda na infância, afinal, “o homem, imagem de Deus, nasce potencialmente capaz de tudo, mas se não for instruído, permanecerá rude e privado de qualquer habilidade” (COMENIUS apud GASPARIN, 1994, p. 30).<sup>5</sup> Noutra obra, Comenius acrescenta que, “a criancinha (*infans*) é um homem [ser humano] acabado de nascer, que entrou no mundo há pouco, inculto (*rudis*) em todas as coisas e que deve, por isso, ser educado (*erudiendus*) em todas as coisas” (COMENIUS, 2014, p. 161). Em sua perspectiva empírica, “o homem deve ser formado desde os primeiros momentos [...] para que essa formação permaneça du-

---

<sup>5</sup> Aqui, Gasparin está citando a obra *Il tirocinio del leggere e dello scrivere*, de Comenius.

rante toda sua vida”, pois “os frutos colhidos na velhice, são determinados pelas sementes plantadas na juventude” (COMENIUS, 2011, p. 15). A educação é a ferramenta para moldar o ser humano e quanto mais cedo isso ocorrer, melhor, na opinião do educador morávio, pois quando adulta, a pessoa estará sujeita a mais vícios e, conseqüentemente, será mais difícil educa-la:

De tudo o que foi dito, fica evidente que a condição do homem é semelhante à da árvore. De fato, assim como uma árvore frutífera (macieira, pereira, figueira, videira) pode crescer sozinha e por virtude própria, mas uma árvore silvestre só dá frutos silvestres, ao passo que para produzir frutos doces e maduros é preciso que um agricultor experiente a plante, irrigue e pode, também o homem, por si só, cresce com feições humanas (assim como o bruto com as suas), mas não poderá tornar-se animal racional, sábio, honesto e piedoso, se antes não forem nele enxertados os brotos da sabedoria, da honestidade, da piedade. (COMENIUS, 2002, p. 77).

Ele alerta para a falta de atenção às crianças. Os adultos tendem a olhar para elas considerando-as nesta fase presente, infantil, mas se esquecem que elas irão se desenvolver e ser adultas em breve. Por isso, é importante vislumbrar as crianças “como elas poderiam e deveriam ser segundo seus desígnios” (COMENIUS, 2011, p. 2). Contudo, não basta apenas vislumbrar futuros cidadãos de bem: é preciso labutar por isso. Comenius ilustra esse fato alegando que, “uma pequena muda não se transforma em árvore se não for plantada, regada, cuidada, protegida e escorada; a madeira precisa ser cortada, aplainada, entalhada, polida e pintada de diversas cores para ser usada” (COMENIUS, 2011, p. 11).

O educador morávio lança mão de metáforas e ilustrações ligadas à agricultura diversas vezes. Gasparin (2019, p. 36) explica a metáfora acima da seguinte maneira: “aqui firma-se o princípio de que algo que é repetido e inculcado na infância (o hábito) transforma-se em natureza”, e, por isso, “a primeira idade é o momento da semeadura, as demais idades são os momentos da colheita. O que o homem semear no início de sua vida, isso ele colherá mais tarde”. Visto que um dos objetivos da educação é formar o ser humano

num cidadão de bem, “no homem, as raízes de todas as coisas e de todas as ações lançam-se na primeira infância. Tudo o que se faz a seguir é o efeito de um processo de desenvolvimento” (COMENIUS, 2014, p. 179).

Nesse caso, a figura dos pais e dos professores / tutores é fundamental. Eles devem ensinar não apenas em termos de conteúdo ou teoria, senão também pelo exemplo prático, pelo modelo: “Os bons exemplos devem ser dados sem dar na vista, para que as crianças não tenham a impressão de que os adultos querem intencionalmente guiá-las, mas julguem que tudo acontece com a maior naturalidade” (COMENIUS, 2014, p. 180). Se a criança aprender a teoria e ver a prática, a imitação será mais natural. Ademais, é proveitoso começar cedo, visto que na tenra idade, “o ardor é vivo, o engenho vivaz e a memória tenaz” (COMENIUS, 2002, p. 79). No que tange aos bons costumes, ele chama a atenção para o fato de que crianças aprendem muito mais pelo o que veem, desejando imitar, pois têm uma “índole imitativa”, do que pelo o que ouvem (COMENIUS, 2011, p. 53-54). Todavia, não se deve lidar com crianças como se fossem adultas. A linguagem e as especificidades metodológicas devem respeitar essa faixa etária:

As crianças (*pueri*) são homens de tenra idade destinadas a suceder àqueles de que agora é constituído o mundo (o Estado, a Igreja e a Escola).

1. São homens? Logo, devem ser educadas para a plenitude humana.
2. São crianças? Logo, devem ser tratadas como crianças, isto é, segundo a capacidade de compreensão própria de sua idade.
3. São homens de amanhã? Logo, para que realmente o venham a ser, sejam instruídas naquelas coisas que poderão vir a ser úteis aos homens (COMENIUS, 2014, p. 189).

Pensando nessas peculiaridades etárias, Comenius propõe um nivelamento da educação e os divide em quatro níveis de seis anos, cada. O primeiro nível é o infantil, desenvolvido na *schola materna*, com responsabilidade principal dos pais, o “regraço materno”; o segundo é o da puerícia, desenvolvido na *schola vernacula*, com responsabilidade escolar, a “*ludus literarius*”; o terceiro nível é o da

adolescência, desenvolvido na *schola latina*, ou “ginásio”<sup>6</sup>; e o último é o da juventude, compreendendo a fase universitária, ou “acadêmica” e de viagens. Segundo Comenius, “a escola materna deve estar em todas as casas; a vernácula, em todas as comunidades, burgos ou aldeias; o ginásio, em todas as cidades; a Academia em todos os reinos e nas províncias maiores” (COMENIUS, 2002, p. 320), reforçando sua ideia pansófica / democrática da educação.

As disciplinas não precisam ser ensinadas de maneira separada, avançando para uma próxima somente após o término da primeira, como que estudando uma de cada vez. Ao invés disso, “as matérias de estudos devem ser divididas em aulas, de tal modo que as primeiras sempre aplanem e iluminem o caminho das seguintes” (COMENIUS, 2002, p. 160) e “todos os estudos devem ser organizados de tal modo que os estudos sucessivos sempre se baseiem nos precedentes, e estes sejam consolidados por aqueles” (COMENIUS, 2002, p. 194). Ou seja, o aluno deve aprender um conjunto de disciplinas concomitantemente, pois “seguindo-se as leis do método natural, as várias disciplinas devem ser sempre transmitidas em conjunto, e não separadamente, assim como numa árvore, com suas partes bem distintas, cresce todo o conjunto num ano” (COMENIUS, 2002, p. 320). Porém, o educador morávio avisa sobre os limites de se estudar várias disciplinas ao mesmo tempo. Deve haver o cuidado de não extrapolar na quantidade e na afinidade e complexidade temática, senão, ao invés de causar um efeito positivo de absorção de conhecimento, o professor provocará “distração” (COMENIUS, 2002, p. 175).

Tal gradualidade, porém, não se restringe apenas à sucessividade de conteúdo, mas abarca a dificuldade, profundidade e peculiaridades dos assuntos, de maneira que o ensino vai sendo repassado gradativamente, do geral para o específico: “ensina-se o princípio ou fundamento de determinado objeto de forma global,

---

<sup>6</sup> É chamada de latim não porque os alunos irão se dedicar exclusivamente ao estudo desse idioma, mas “porque educa para a elegância expressiva e para a leitura pessoal dos textos” (PEREIRA, 2016, p. 108).

para depois as suas especificidades” (ABBAGNANO; VISALBERGHI, 1995, p. 307). Nesse caso, ele usa da mesma metáfora arbórea para ilustrar sua proposta metodológica:

[...] nas escolas das crianças menores [i.e., materna e vernácula] é preciso ensinar as coisas de maneira mais geral e mais elementar, e nas escolas seguintes [i.e., ginásio e academia], de maneira mais particularizada e distinta. Assim como a cada novo ano uma árvore lança mais raízes e mais ramos, torna-se mais robusta e dá mais frutos (COMENIUS, 2002, p. 321).

A visão comeniana da gradação das disciplinas é uma perspectiva que possui frutos ainda na atualidade: na prática, tratava-se de partir dos assuntos mais fáceis para o mais difíceis, daqueles que são mais simples para os mais complexos e, finalmente, dos concretos para os abstratos (EBY, 1976, p. 169). Afinal, “a natureza não procede por saltos, mas gradualmente” (COMENIUS, 2002, p. 159). A divisão gradual e cíclica da metodologia pedagógica de Comenius também antecipa discussões da futura psicologia da educação,<sup>7</sup> por meio de intuições sobre assuntos pertinentes ao discente e à sua fase formativa, com atividades lúdicas às mais intelectivas. “Tudo o que será aprendido deve ser disposto segundo a idade, para que nunca se ensine nada que não possa ser compreendido” (COMENIUS, 2002, p. 148; cf., ainda, COMENIUS, 2011, p. 18-21).

A partir dos dois anos, ele propõe que se faça jogos para as crianças e incentive bastante movimento, para que elas se cansem e durmam mais fácil, queimando energia, o que favorecerá a digestão, a formação fisiológica e promoverá interação social e emocional (COMENIUS, 2011, p. 33-34). Nesse sentido, ele propõe atividades lúdicas diversas para as faixas etárias específicas de 0-6 anos visando a evolução gradativa e contextual de disciplinas como gramática, dialética, retórica, poética, canto, aritmética, geometria (COME-

---

<sup>7</sup> Piaget (2010, p. 18) afirma que: “Comênio pode, sem dúvida, ser considerado um dos precursores da ideia da genética na psicologia do desenvolvimento e o fundador de uma didática progressiva ajustada ao estágio de desenvolvimento que o aluno alcança”.

NIUS, 2011, p. 43-52). Essas atividades, (jogos, brincadeiras), além de divertidas, promoviam o desenvolvimento sensorio, cognitivo e de relacional. Noutra obra, Comenius acrescenta:

[...] na escola materna devem ser exercidos sobretudo os sentidos externos, para que os alunos se habituem a usá-los de maneira correta para o conhecimento dos objetos. Na vernácula, exercitam-se os sentidos internos, que são a imaginação e a memória, e seus órgãos respectivos, que são a mão e a língua: lendo, escrevendo, pintando, cantando, contando, medindo, pesando, aprendendo de cor, etc. No ginásio, formam-se a inteligência e o juízo sobre todas as coisas captadas através dos sentidos, com uso da dialética, da gramática, da retórica e de todas as outras ciências e artes, ensinadas segundo o “como” e “porquê”. As Academias, enfim, formarão as coisas que pertencem à vontade, ensinando a manter as faculdades em harmonia (e a restabelecer a harmonia daquilo que dela se afastar), possibilitando o estudo da Teologia no que se refere à alma, da filosofia no que se refere à mente, da medicina, no que se refere às funções vitais do corpo, da jurisprudência no que se refere aos bens externos (COMENIUS, 2002, p. 321).

Os quatro níveis educacionais são comparados às quatro estações do ano: a escola materna é semelhante à primavera, “cheia de botos e flores cheirosas e variegadas”; a escola vernácula corresponde ao verão, “com suas espigas maduras e frutos precoces”; o ginásio é comparado com o outono, “que reúne os ricos frutos dos campos, dos pomares e das vinhas, guardando-os nos depósitos seguros das mentes”; ao passo que, a academia é simbolizada pelo inverno, “que prepara os frutos colhidos para os vários usos, para que sejam suficientes para todo o resto da vida” (COMENIUS, 2002, p. 323).<sup>8</sup>

Na fase da infância, Comenius propôs um aprendizado que valorizasse os sentidos. Em sua perspectiva, “para que todas as coisas sejam impressas mais facilmente, é preciso fazer o máximo uso dos sentidos” (COMENIUS, 2002, p. 179). Para tanto, Comenius fala de atividades que chamamos lúdicas: “[...] o que deve ser aprendido não só deve ser contado para que impressione os ouvidos,

---

<sup>8</sup> Ele repete essa metáfora em Comenius, 2014, p. 95.

mas também pintado, para que através dos olhos, se imprima na imaginação” e “não se deve abandonar um assunto enquanto ele não estiver bem impresso nos ouvidos, nos olhos, na mente e na memória” (COMENIUS, 2002, p. 179-180). Essas atividades reforçavam sua metodologia de incentivar os sentidos, as emoções, a imaginação, a memória, a razão, a compreensão etc. A ordem, ou sequência de desenvolvimento em sua proto psicologia da educação, era: *sentidos* → *memória* → *intelecto* → *juízo*. Para Comenius, essa ordem era lógica, “pois a ciência começa a partir dos sentidos e através da imaginação, passa para a memória; depois, pela indução das particularidades, constitui-se a inteligência dos universais; finalmente, com base em coisas bem entendidas forma-se o juízo, para chegar à certeza da ciência” (COMENIUS, 2002, p. 174-175).

Na percepção de Comenius, a formação intelectual na educação infantil (de crianças até os seis anos de idade), dava-se segundo o fluxo “conhecer, fazer e falar” (COMENIUS, 2011, p. 18), ao passo que nos adultos, em razão, linguagem e ação, já que “a vida do homem [adulto] deve ser contemplativa, comunicativa e ativa” (COMENIUS, 2014, p. 199). Ele se preocupava com o fato de que, na educação infantil, era importante levar em conta “os procedimentos utilizados com as crianças sejam adequados para cada caso específico”, isto é, “que se faça sua distribuição acurada por este ou aquele ano ou mês” (COMENIUS, 2011, p. 20). Por isso, noutra ocasião, ele propõe uma divisão da educação infantil em seis níveis: puerperal, até um mês e meio; aleitamento, até um ano e meio; balbuciamiento e primeiros passos; linguagem e percepção sensível; bons costumes e piedade; e primeiras letras, ou primeira escola coletiva (COMENIUS, 2014, p. 173-188).

Uma vez que a responsabilidade educativa infantil era doméstica, encarregada principalmente aos pais,<sup>9</sup> Comenius reforça a

---

<sup>9</sup> Ele também menciona os desafios das ocupações dos pais, entendendo que, em muitos casos, essa educação acabava por ser terceirizada a tutores. Contudo, ele alerta sobre a qualidade de tais professores contratados, pois havia muitos mal preparados e com mau testemunho de vida (COMENIUS, 2011, p. 12-13).



importância dessa fase dos primeiros seis anos, pois nela, “as crianças se habituam a conviver, a brincar, a cantar, a contar, a cultivar os bons costumes e a piedade e a exercitar os sentidos e a memória” (COMENIUS, 2014, p. 184). Kulesza (2011, p. xxv) vê nessa proposta comeniana, uma “antecipação do que viria a ser chamado de ‘jardim de infância’”.

Vale mencionar a publicação de Comenius, em 1658, de sua obra *Orbis Sensualium Pictus* (Mundo Visível em Imagens), que serviu como material didático infantil. Ele contém verbetes ilustrados com gravuras em cobre e servia exatamente ao propósito anterior de estimular os sentidos por um meio lúdico que orientava com informações e, sobretudo, com imagens que mexiam com a imaginação, memória e razão. Comenius entendia que a escola deveria ser um lugar agradável e que, nos primeiros seis anos, o conceito deveria estar relacionado à diversão. Por isso, quando os pais usavam da escola para emitir punições e ameaças, isso gerava o efeito contrário nas crianças (COMENIUS, 2011, p. 79-80).

Em todos os estágios do aprendizado, Comenius assume que o aluno (e por que não, professores?) aprende não apenas nas exposições das aulas, nas abordagens teóricas, mas também na prática, isto é, fazendo, exercitando o conteúdo ministrado: “Está muito certo o ditado: ‘Quem ensina os outros se instrui’, não só porque, pela repetição, os próprios conceitos se tornam mais firmes, como também porque surge a oportunidade de aprofundar mais os problemas” (COMENIUS, 2002, p. 200).

Comenius abordou inúmeros outros temas que não caberão na discussão desse ensaio. O mais importante em nossa síntese é o fato de que ele propõe uma visão alternativa da educação que, de fato, está à frente de seu tempo. Ele consegue unir o velho (modelo renascentista) e o novo (sua proposta reformista). Contudo, sua proposta vai muito além da didática educacional, em si. Seus interesses perpassam por uma sociedade melhor, mais justa. Sua pansofia poderia abrir caminhos para outras discussões no âmbito religioso, a saber, a concórdia, o irenismo e a liberdade de consciência, temas que

precederam a tolerância religiosa, em seu sentido moderno.<sup>10</sup> A seção seguinte nos ajuda a entender melhor esse *telos* comênico.

## A teleologia da pansofia de Comenius

Todo o desejo pansófico de Comenius quanto à educação está atrelado a um propósito (*telos*) maior. Nesse sentido, queremos discutir a teleologia embebida em seu projeto didático. Teleologia vem do vocábulo grego τέλος (*telos*), cujo significado é “fim”, “propósito”, “objetivo”. Sendo assim, por teleologia, estamos a falar da essência, do motivo, da finalidade de determinado objeto de estudo, que, no caso do presente artigo, é a proposta pansófica de Comenius.

Logo no início de sua *Didactica Magna*, o educador morávio anuncia que o *telos* de tal obra é: “buscar e encontrar um método para que os docentes ensinem menos e os discentes aprendam mais; que nas escolas haja menos conversa, menos enfado e trabalhos inúteis, mais tempo livre, mais alegria e mais proveito” (COMENIUS, 2002, p. 12). Esse desejo de uma educação mais efetiva e eficiente acompanha os dias atuais. No entanto, mais do que a idealização de uma absorção profunda dos discentes e de uma didática prática e relevante dos docentes, por trás de “os discentes aprendam mais” há um *telos* que transcende o intelectual, a saber, o social. Não é à toa que ele afirma noutra ocasião: “Infeliz a instrução que se não converte em moralidade e em piedade!” (COMENIUS, 2002, p. 100).

Há um percurso epistêmico teológico para esse *telos*. Na visão teológico-filosófica de Comenius, todos os seres humanos possuem a imagem de Deus, como já vimos na primeira seção deste ensaio. Contudo, o que restou dessa imagem no ser humano? Essa é uma discussão antropológica que remonta aos dias de Agostinho de

---

<sup>10</sup> Kulesza (2011, p. xvi) comenta que Comenius possuía uma “crença [...] teorizada por uma teologia marcada pela tolerância religiosa e pela fraternidade entre os povos”. O mais correto nesse caso, não é “tolerância religiosa”, mas concórdia e liberdade de consciência, pois tolerância, propriamente dita, só assume esse sentido no final do século XVII com os filósofos Pierre Bayle (1647-1706) e John Locke (632-1704).

Hipona (354-430), Pelágio da Bretanha (350-423) e João Cassiano de Marselha (ca. 360-435). Pelágio defendia a ideia de que a desobediência de Adão não afetou sua descendência e, portanto, cada criança, ao nascer, está moral e espiritualmente intacta, aprendendo a errar e a acertar tão somente por socialização, com livre-arbítrio total de suas faculdades. Para ele, o erro de Adão afetou apenas a si mesmo e não ao restante da humanidade.

Agostinho, por sua vez, combateu as ideias pelagianas, afirmando que, a descendência de Adão foi sim afetada pela desobediência deste e que, portanto, não há liberdade da vontade (livre-arbítrio), visto que as crianças nascem totalmente corrompidas moral e espiritualmente falando, inclinadas para fazer o que é errado. No argumento agostiniano, apenas uma intervenção externa ao ser humano, por meio da ação da graça divina, é que possibilita fazer o bem, uma vez que o bem não pode vir natural e inerentemente de nenhuma criatura descendente de Adão.

João Cassiano, por sua vez, alegava uma espécie de *via media* entre as posições anteriores: para ele, a *imago Dei* foi totalmente afetada pela desobediência de Adão, de modo que o ser humano está totalmente corrompido. Porém, tal corrupção, não deve ser tratada como uma incapacidade espiritual e moral, como ensinava Agostinho, senão como uma enfermidade espiritual, de modo que as crianças nascem com o arbítrio livre e podem desenvolver uma vida moralmente boa nesta vida; elas só não podem se auto salvar, pois essa é uma ação exclusiva da graça.<sup>11</sup>

A perspectiva de Comenius parece não se encaixar exatamente em nenhuma das três propostas antropológicas mencionadas. Enquanto Agostinho falava dos efeitos da desobediência de Adão como “pecado original”, Comenius parece apontar para o que chamamos aqui de “graça original”. Ele reconhece os efeitos da desobediência de Adão em sua posteridade: “Exceto pelo pecado

---

<sup>11</sup> Para mais informações sobre o que pensavam Agostinho, Pelágio e João Cassiano, ver COUTO, 2021, p. 15-44. “Depravação total” é um sinônimo oitocentista para “pecado original”.

original, [as crianças] não estão maculadas por nada, são incapazes de distinguir entre o bem e o mal, entre a direita e a esquerda” (COMENIUS, 2011, p. 3) e “nossa natureza está, por si mesma, inclinada ao mal” (COMENIUS, 2011, p. 54). Porém, acredita que o sacrifício de Cristo foi mais potente para trazer liberdade aos filhos de Adão. Nesse sentido, as crianças nascem boas, puras, e podem ser ensinadas para o bem ou para o mal:

Embora a degeneração, decorrente da queda de Adão, tenha tomado conta de todo gênero humano, uma vez que o segundo Adão, Cristo, enxertou de novo em si mesmo, árvore da vida, o gênero humano – e ninguém está excluído, a não ser quem se exclui pela própria incredulidade (que nunca se encontra na infância) (Mc XVI, 16) – as crianças, que ainda não estão corrompidas pelos pecados e pela incredulidade, são proclamadas herdeiras diretas do reino de Deus: desde que saibam conservar a graça de divina que receberam e continuar puras entre os pecados do mundo (COMENIUS, 2002, p. 28-29).

Esta é a razão de sua ênfase na educação começar o mais precoce possível, pois a socialização se encarregará de ensinar os vícios dos comportamentos ruins. Ele critica as pessoas que usam do argumento agostiniano do pecado original para justificar as falhas educacionais: “É coisa torpe e nefanda e sinal evidente de ingratidão estar sempre a apelar para a corrupção e dissimular a redenção. Correr atrás daquilo que o velho Adão em nós deixou e não procurar aquilo que Cristo, novo Adão, nos proporcionou!” (COMENIUS, 2002, p. 101).

Por isso, ele incita os educadores a ensinarem não apenas nos saberes das artes liberais, mas quanto aos bons costumes, dentre os quais ele enumera: a moderação, asseio (capricho), respeito aos superiores, cortesia, falar a verdade sempre, justiça, bondade, altruísmo, silêncio quando necessário, paciência, serviço aos mais velhos com civilidade e presteza, evitar a leviandade e a grosseria com respeito e modéstia (COMENIUS, 2011, p. 17-18).

Desta maneira, Comenius adotava um otimismo antropológico que nos ajuda a entender sua proposta pansófica. Seu propósito

na *De rerum humanarum emendatione consultatio catholica* era de reformar três esferas da sociedade: a *eruditio* (erudição), a *politia* (política) e a *religio* (religião), apresentadas mais especificamente na *Panergesia* e na *Panorthosia* (COMENIUS, 1705, §§ 6 e 11). Sobre essa tríplice reforma, Gomes (1998, p. 739) assinala que: “Em primeiro lugar, [deve-se reformar] a *erudito*, pois é fundamentalmente através da educação que ele quer transformar o estado das coisas humanas. A reforma da *politia* e da *religio* seria impensável sem a reforma da *eruditio*”.

A educação, portanto, é a chave para uma sociedade melhor. “Fique estabelecido, pois, que a todos os que nasceram homens a educação é necessária, para que sejam homens e não animais ferozes, não animais brutos, não paus inúteis” (COMENIUS, 2002, p. 76). Que a escola “seja uma verdadeira oficina de homens: onde as mentes dos discentes sejam iluminadas pelo fulgor do saber para penetrar facilmente todas as coisas secretas e manifestas” e “onde os espíritos e suas paixões sejam encaminhados para a harmonia universal das virtudes” (COMENIUS, 2002, p. 103).

Para Comenius, “todos os homens devem ser impelidos para os mesmos fins do saber, da moral, da santidade” (COMENIUS, 2002, p. 120). Além disso, Comenius via na educação, o meio para promover sabedoria e autonomia para a vida: “todos têm necessidade da sabedoria: porque não são apenas professores / mestres de si mesmos, senão que também estão chamados a ensinar, dirigir e governar aos demais na medida que o exija a organização social” (CASTRO, 1992, p. 34). Embora isso pudesse deixar algumas pessoas preocupadas com o fato de haver muitas pessoas críticas e pensantes, Comenius via isso com bons olhos, pois daria certa emancipação à humanidade:

Se alguém perguntasse: o que acontecerá se os operários, os camponeses, os almocreves e até as jovens mulheres adquirirem cultura? Eu responderia: acontecerá que, instituída com meios apropriados essa educação universal da juventude, a ninguém faltará matéria para refletir, para propor-se e perseguir fins, e para agir. Cada um saberá para onde dirigir todas as ações e os desejos da vida, que caminhos trilhar e como conservar o seu próprio lugar. (COMENIUS, 2002, p. 92-93)

Noutra obra, ele diz algo parecido, demonstrando que seu desejo era que as pessoas tivessem acesso:

[...] não apenas em uma coisa, ou em poucas, ou em muitas, mas em todas as coisas (*omnibus*) que aperfeiçoam a natureza humana: a conhecer a verdade e não deixar se deixar iludir pelo erro; a amar o bem e a não se deixar seduzir pelo mal; a fazer o que deve fazer e a preservar-se do que deve evitar; a falar sabiamente acerca de todas as coisas, com todos, quando é necessário, e a nunca se ver obrigado a calar-se; enfim, agir, em todas as circunstâncias, com as coisas, com os homens e com Deus, não levianamente, mas prudentemente, e, assim, a nunca se afastar do objetivo de sua felicidade (COMENIUS, 2014, p. 40).

Comenius estava ciente de que, para colocar suas ideias pansóficas em prática, havia alguns desafios de grande proporção. Ele mesmo enumera cinco: (1) pessoas que não conhecessem o método didático proposto por ele; (2) professores competentes, mas que não fossem remunerados convenientemente; (3) escassez de subsídios para ajudar os alunos mais carentes; (4) pessoas resistentes à reforma educacional, que estariam presos às tradições infrutíferas, chamadas por ele de “pseudo-eruditos”; e, finalmente, (5) a dificuldade de adquirir materiais didáticos com conteúdo simples e eficiente, por preços mais baixos (acessíveis) e justos, o que ele considerava o principal desafio (COMENIUS, 2002, p. 372). Seriam esses desafios indícios de uma utopia?

Depois de refletir sobre esses obstáculos, Comenius termina sua obra fazendo diversos apelos às pessoas envolvidas no processo educacional, i.e., aos pais, professores, líderes religiosos e, especialmente, aos governantes, que eram as pessoas com poder e autoridade para fazer o projeto acontecer (COMENIUS, 2002, p. 373-380).

O educador morávio também estava sensível para outros problemas educacionais de sua época que poderiam inviabilizar a pansofia. Um deles estava associado à falta de contextualização das escolas com os alunos, tornando aquele ambiente indesejado pelos discentes: “[...] as escolas geralmente são consideradas espantalhos para crianças e tortura para a mente: a maior parte dos alunos, eno-

jada da cultura e dos livros, precipita-se para as lojas dos artesãos ou para alguma outra ocupação” (COMENIUS, 2002, p. 105).

Parte do problema anterior poderia ser solucionado com a postura dos professores, que, ao invés de serem austeros, deveriam ser afáveis, doces, munidos de afeto, gestos, palavras paternas e amabilidade. Se agissem assim, conquistariam o coração dos alunos (COMENIUS, 2002, p. 169). Além disso, os professores também poderiam melhorar a própria didática de sala de aula, buscando serem mais inspiradores em seus conteúdos, visando “despertar um profundo amor nos estudantes, procurando atraí-los, por meio da importância, da utilidade e do encanto pelo tema tratado” (COMENIUS, 2002 p. 187).

Formar uma pessoa como cidadão de bem é uma tarefa difícil. Todavia, o resultado vale a pena: “[...] a arte das artes está em formar o homem, o mais versátil e mais complexo de todos os animais. [...] ensinar a arte das artes é, portanto, tarefa árdua, que requer juízo atento não só de um homem, mas de muitos” (COMENIUS, 2002, p. 14-15). Comenius vê a educação como o *telos* que propulsiona mudanças na *eruditio*, que, por sua vez, desdobrar-se-ão nas esferas *politia* e *religio*. Sua pansofia é teleológica. Visa algo maior. Contudo, esse não é um trabalho de uma única pessoa, senão de uma rede de educadores envolvidos e engajados.

## Considerações finais

Poderíamos discorrer sobre diversos outros pontos da metodologia didática proposta por Comenius. Ela é bem ampla. Um recorte específico e detalhado sobre esse assunto transcenderia as páginas de um artigo e seriam melhores abordadas numa dissertação, tese ou livro. Contudo, tendo em vista algumas das principais contribuições comênicas neste ensaio, podemos destacar sua preocupação com a universalidade da educação e com a precocidade da mesma: quanto mais cedo ela começar, melhores serão os resultados.

Todavia, Comenius não se preocupou apenas com o *fazer*, mas com o *como fazer*, que é o ponto nevrálgico de suas obras aqui

analisadas. Nesse sentido, ele propõe caminhos que facilitem no processo de ensino e aprendizagem, falando sobre começar do mais simples para o mais complexo, num modelo didático de gradação; abordou tópicos relacionados à simplicidade da linguagem educativa, facilitando a absorção do aluno, e respeitando suas respectivas faixas etárias; intuiu sobre a importância de separar os alunos em níveis diferentes de aprendizado; antecipou o que, futuramente, seria chamado de psicologia da educação, discutindo especialmente sobre o aprendizado das crianças... A lista certamente é muito maior! Todavia, todos esses apontamentos estavam vinculados ao seu *telos* educacional: uma pansofia que poderia promover transformação positiva na sociedade.

A educação para Comenius não é um fim em si mesma, mas um meio para alcançar um fim (*telos*). Por isso, sua pansofia é teleológica. No entanto, embora busque virtudes e uma sociedade ideal, seu método possui utopias. Ela é utópica ao “sonhar” com uma pansofia executável. Esse não parece ser o desejo de muitos governantes pelo mundo. Ele reconhece isso em seus dias. Não temos dúvidas que isso se estende nos dias de hoje. Sua proposta é utópica porque “sonha” com uma educação que transforma, que faz do ser humano um cidadão de bem, amigo da felicidade, que respeita o próximo. Ela é utópica porque “sonha” com uma sociedade emancipada, livre, autônoma, ao passo que, para os dominadores, é melhor uma sociedade alienada, desconhecadora dos seus direitos e sem senso crítico para avaliar as narrativas. É, ainda, utópica, porque “sonha” com professores bem remunerados, que são reconhecidos por seus serviços prestados. Utopia vemdo grego οὐ (ou), que significa “não”, e τόπος (*tópos*), “lugar”. Trata-se de um “lugar que não existe”. Apesar de utópica, a proposta de Comenius é relevante. A utopia não precisa ser sinônimo de “parar de sonhar”. Educadores podem “sonhar” com uma educação melhor, mais transformadora, atuante e engajada.



## Referências

- ABBAGNANO, Nicola; VISALBERGHI, Aldo. **História de la pedagogia**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1995.
- CASTRO, Frederico Gómez R. de. Prólogo. In: COMENIUS, Juan Amós. **Pampaedia (Educación Universal)**. [tradutor: Federico Gómez R. de Castro]. Madrid: UNED, 1992, p. 9-36.
- COMENIUS, Jan Amós. **A Escola da Infância**. [tradutor: Wojciech A. Kulesza]. São Paulo: UNESP, 2011.
- COMENIUS, Jan Amós. **De rerum humanarum emendatione consultatio catholica**. Halae: Typis & impensis Orphanotropii, 1702.
- COMENIUS, Jan Amós. **Didática Magna**. [tradutora: Ivone C. Benedetti]. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.
- COMENIUS, Jan Amós. **Pampaedia (Educação Universal)**. [tradutor: Joaquim Ferreira Gomes]. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2014.
- COUTO, Vinicius. Bases Históricas da Doutrina da Depravação Total. In: \_\_\_\_\_. **Depravação Total**. São Paulo: Reflexão, 2021, p. 15-44.
- EBY, Frederick. **História da educação moderna: séc. XVI / séc. XX – teoria, organização e práticas educacionais**. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.
- GASPARIN, João Luiz. **Comênio, ou da Arte de Ensinar Tudo a Todos**. Campinas: Papirus Editora, 1994.
- GOMES, Joaquim Ferreira. A “Pampaedia” no contexto da “De rerum humanarum emendatione consultatio catholica” de Comênio. **Hvmanitas**, v. 50, n. 2, p. 733-751, 1998.
- HOFF, Sandino. Fundamentos filosóficos dos livros didáticos elaborados por Rakte, no século XVII. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, n. 1, p. 143-155, jan.-abr. 2004.
- KULESZA, Wojciech A. Apresentação. In: COMENIUS, Jan Amós. **A Escola da Infância**. [tradutor: Wojciech A. Kulesza]. São Paulo: UNESP, 2011, p. xv-xxx.
- KULESZA, Wojciech A. **Comenius – A persistência da utopia em educação**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LAURIE, S. S. **John Amos Comenius, Bishop of the Moravians: his life and educational works.** London: Kegan Paul, Trench & Co., 1881.

PEREIRA, Meira Chaves. Educação e didática em Comenius. **Revista de Formação e Inovação Educacional Universitária**, v. 9, n. 2, p. 104-115, 2016.